

UMA CANÇÃO QUE PEDIA PARA SER OUVIDA: INCLUSÃO E PRECONCEITO

GONÇALVES, L. A.; BARRETO, T.C., SILVA, L.C.O.; MORAES, T.S.; BARBOSA, G.A.A., SILVA, T.A

Instituto Tecnológico e das Ciências Sociais Aplicadas e da Saúde - Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

A tentativa de categorizar e disciplinar os indivíduos em busca da ordem socialmente aceita pode implicar no afastamento ou tratamento de quem é estigmatizado pelo fato do mesmo não se encaixar no que é considerado normal. Um modelo inclusivo, quando apresenta uma busca intensiva de incluir, porém sem reflexão, pode se tornar um instrumento normalizador que expressa violência ao invés de acolhimento. Refletir aspectos que entrelacem Psicopatologia Fenomenológica, Filosofia Foucaultiana e inclusão social. De acordo com as referências estudadas e discutidas ao logo das aulas de Psicopatologia, foi proposto um trabalho em que o filme "O Solista" foi definido para o grupo, com a proposta de ser o ponto de partida para articulações teóricas. Quando a Psiquiatria surge no século XIX vinculada à Medicina, onde essa tinha o poder para controlar os corpos, mentes e comportamento, sendo um instrumento biopolítico do Estado, a serviço da economia de acordo com o capitalismo industrial que emergia. A prática normatizadora tornou-se recorrente na medicina. Neste contexto se o indivíduo possui uma característica diferente o mesmo é considerado um ser anormal que deve ser normalizado. Segundo a perspectiva psiquiátrica fenomenológica de Arthur Tatossian (1929-1995), baseada em Heidegger, demarca-se a preocupação em cuidar, ocupar, acolher o outro, contrapondo-se a concepção da Psiquiatria Tradicional, que tem o pretexto de cuidar, mas na verdade trata o sujeito como incapaz afastando do contexto social, estabelecendo assim uma relação de dependência, sujeição e estigmatização. Através do filme "O Solista", do diretor Joe Wright e por meio dos personagens de Steve Lopez, um jornalista e de Nathaniel Ayer, um prodígio musical que optou por viver nas ruas, é possível observar as investidas do colunista em integrar o músico na vida social. Por intermédio desta ação o jornalista manifestou uma atitude normalizadora e normatizadora. É importante ressaltar que ao se render a compaixão, o sujeito pode ser levado a crer erroneamente que ao "ajudar" o Outro está em uma posição hierarquicamente superior, em condições de socorrer. Esta ilusão pode vir impregnada de consequências negativas, como: dependência e submissão. A dramaturgia retrata que o som emitido na rua ajudava o Nathaniel a lidar com sua forma de ser no mundo, caracterizada por alguns como disfunções psicopatológicas e as tentativas de convencê-lo a morar em um apartamento e de levá-lo para um concerto fazia o surto emergir. Em síntese se analisarmos pela via das reflexões de Deleuze (1995-1997) podemos constatar que o rizoma não aconteceu, pois segundo o escritor o sujeito não pode atribuir a outra pessoa da relação uma personalidade fixa, e impor a sua vontade sem levar em conta o desejo e as necessidades que surgem na própria relação, não há inclusão se houver imposição. Tendo em vista todos os conceitos refletidos e estudos na aula de Psicopatologia I, chegamos às seguintes considerações sobre o filme: não podemos dar conta do outro, mas ser-com; reconhecer o outro nas dificuldades e qualidades, traçando caminhos de afinidade, levando em consideração suas experiências e o que realmente importa para ele; buscar potencializar o outro, levando-o a ser um integrante no processo de tratamento, respeitando a sua liberdade, a sua subjetividade e o seu território, para que ele possa se reconhecer como pessoa. Território é o conjunto de representações sociais, valores, perspectiva de mundo, que cada sujeito presentifica em cada uma das suas vivências aceitando-o num lugar diferente do meu. Inclusão é estar com, interagindo com o outro, permitindo aos que são discriminados que ocupem por direito seu espaço, pois uma sociedade justa é aquela que proporciona oportunidade para todos, sem qualquer tipo de discriminação. É essencial vivenciarmos a experiência da diferença, do encontro com a alteridade, para que as pessoas que sofrem com alguma patologia psicológica não estejam sempre na dependência de estigmas sociais, não sofram com a segregação que dilacera a dignidade humana e potencializa as sugeridas patologias. Não é possível ter um lugar no mundo sem considerar o outro, valorizando assim o que ele é e o que ele pode ser. Sem deixarmos de considerar que as referidas psicopatologias também são sócio historicamente constituídas.

Palavras chave: Sujeito; Psicopatologia; estigma; inclusão social; Outro.

Financiamento: ISECENSA.



REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

WRIGHT, J. *O Solista*. Filme. EUA: Reino Unido, 2009

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1995-1997. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.

BLOC, L., MOREIRA, V. Sintoma e fenômeno na psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000100003>.